

# A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

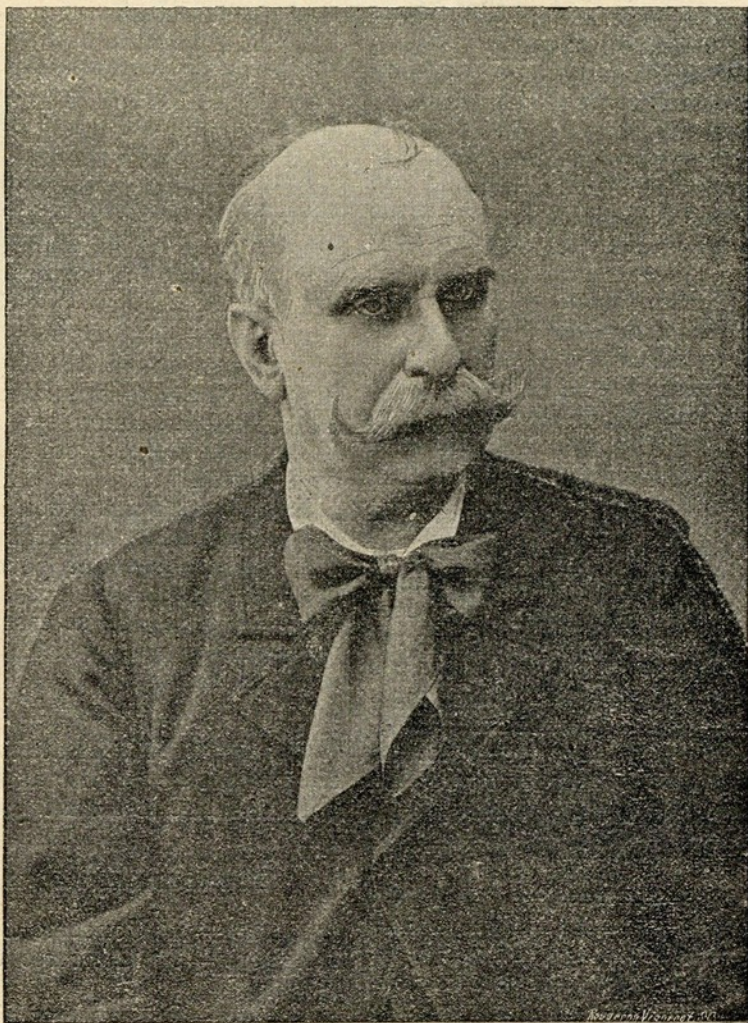
LISBOA

DIRECTOR  
*Michel'angelo Lambertini*

39, Rua do Jardim do Regedor, 41

EDITOR  
*Ernesto Vieira*

SUMMARIO : — Reyer — A musica na exposição de 1900 — Henrique Sauvinet — Harmonia (conclusão) — Notas vagas — Noticiario — Notas soltas.



REYER

Ernesto Reyer é actualmente um dos mais respeitadas mestres da arte franceza.

Nasceu em Marselha a 1 de dezembro de 1823. Dedicando-se primeiramente á car-

reira diplomatica, esteve algum tempo em Argel como empregado do governo francez. Entretanto, tendo uma grande predilecção pela musica, que estudára desde a infancia,

continuou a consagrar-lhe os momentos livres, tornando-se bom pianista e estudando harmonia. Depois da revolução de 1848 voltou para Paris, entregando-se então completamente á carreira de artista.

Aperfeiçoou-se no estudo da composição com sua tia Luiza Farrenc, e depois de ter feito publicar algumas pequenas composições apresentou uma ode symphonica com árias e còros, intitulada «Selam», que se executou a 5 de abril de 1850. Tendo agrado esta primeira tentativa, conseguiu Reyer que se representasse a sua primeira obra theatral — «Maitre Wolfram» — que se cantou pela primeira vez a 20 de maio de 1854 e tem sido varias vezes repetida.

Só quatro annos mais tarde é que poudo apparecer novamente no theatro, com um bailado em dois actos intitulado «Sacountala», e em 11 de agosto de 1861 apresentou a primeira grande opera — «La Statue», que obteve excellente exito e lhe deu nome. Escreveu depois o «Erostrate», cantado em Baden no anno seguinte, opera em dois actos que mais tardé appareceu em Paris mas com mau resultado.

Os seus melhores titulos de gloria são porém o «Sigurd» e a «Salambó», que se consideram duas das mais notaveis obras que a musica franceza moderna tem produzido. «Sigurd», grande opera em cinco actos, cantou-se pela primeira vez a 6 de janeiro de 1884, «Salambó» a 1 de março de 1890, ambas em Bruxellas.

E ambas tambem, só depois de obterem os mais ferventes applausos do publico de Bruxellas é que conseguiram vencer a grande difficuldade de entrar em Paris. Boa desforra porém tirou Reyer de não ter sido recebido no seu paiz antes que os estranhos lhe applaudissem as suas ultimas e mais grandiosas produções: a centessima representação da «Salambó» em Paris foi ha pouco tempo celebrada com entusiastica festa e o talento do seu auctor elevado ás nuvens com aquella exaggeração propria dos parisienses.

Além das peças theatraes, Reyer pouco mais tem escripto: uma scena dramatica — *la Madeleine au désert* — cantada nos Concertos Populares em 1874, alguns còros orpheonicos, uma collecção de dez melodias para canto e piano, etc.

Reyer é tambem, e desde o principio da sua carreira, um critico musical de primeira ordem. Succedeu a Berlioz no folhetim do «Journal des Débats», tendo tambem escripto muitos artigos em diversos outros jornaes. Em 1875 reuniu parte d'esses artigos em um livro intitulado «Notes de Musique.»

## A Musica na Exposição de 1900

Não é só em Portugal que as emprezas musicaes são por vezes completamente desajudadas do favor publico. Em Paris, n'um dos centros musicaes mais importantes do mundo, no momento em que a immensa turba dos estrangeiros de todas as nacionalidades se acotovela nos boulevards e nas praças publicas, sequiosa de prazeres e de diversões e de bolsa aberta para todos os gastos, n'esse momento singularmente propicio em que parece que todas as explorações artisticas deviam fazer a fortuna dos emprezarios, terminaram os magnificos Concertos Colonne, no *Vieux Paris* por... falta de concorrência!

Effectivamente, o director começando a cançar-se de sustentar uma orchestra de 80 musicos perante a indifferença do publico, declarou que não podia continuar a manter os compromissos creados.

Esta decisão, que segundo parece se tornava imprescindivel colloca os musicos da orchestra em desagradavel situação por não terem em que se occupar logo no principio das ferias.

\*

Terminaram já todas as operações do jury da classe 17 (instrumentos musicos), á qual pertence como já aqui dissemos o nosso bom amigo e collaborador, Francisco de Lacerda.

Não temos ainda o detalhe das recompensas distribuidas, mas sabemos que não foram poupadas e que portanto haverá poucos descontentes.

Quem sabe até se esses poucos descontentamentos não provirão da extrema liberalidade do jury!

\*

Continuamos a estatistica dos concertos effectuados no recinto da Exposição, dando nota dos que tiveram logar na ultima quinzena.

### Audições officiaes no Trocadero

- 31 Julho — 5.º Concerto d'orgão (Guilmant)
- 3 Agosto — 5.º Concerto de Musica de Camara
- 9 Agosto — 5.º Concerto d'orchestra (Taffanel)

### Audições de reclame, exhibições etc.

- 31 Julho — Erard e Sociedade de Instrumentos antigos (Diémer)
- 1 Agosto — Pleyel (M.<sup>elle</sup> M. Wingærtner e M.<sup>elle</sup> Marg. Delcout)
- 2 » — Erard (M. de Radwan)

- 3 Agosto — Pleyel (M.<sup>elle</sup> Fernet. M. Oberdoerffer e harpas chromaticas)  
 7 » — Erard (M.<sup>elle</sup> Fulcran)  
 8 » — Pleyel  
 9 » — Erard  
 10, 13 e 14 Agosto — Pleyel  
 14 Agosto — Erard.

## HARMONIA

(Conclusão)

A classificação dos grupos de sons que hoje denominamos accordes, nasceu do «baixo continuo» creado nos fins do seculo XVI.

Era o baixo continuo uma parte escripta para ser executada em qualquer instrumento grave, e com especialidade em qualquer instrumento de teclado, acompanhando constantemente as vozes. Seguia em unisono ou oitava abaixo a voz mais grave se havia outras, e no caso de ser uma só contrapon-teava com ella; nos instrumentos de teclado o acompanhador devia executar com a mão esquerda a musica escripta e preencher a harmonia com a direita; de quando em quando, se o acorde a executar podesse ser objecto de duvida, um algarismo, sobreposto á nota escripta indicava o principal intervallo que devia fazer parte d'esse acorde. Um sustenido ao lado do algarismo indicava que o intervallo devia ser maior, um bemol indicava intervallo menor, um accidente isolado era para se applicar á nota que formava intervallo de terceira com a nota escripta.

Este systema empregado a principio nas arias ou tonos para uma só voz, encontra-se nas peças theatraes que marcam o inicio da opera, como a «Euridice» de Caccini representada em 1600. Não era todavia completa novidade, porque o auctor d'essa opera dando no principio uma brevissima explicação a esse respeito, não diz que fosse assumpto novo.

Logo depois o compositor italiano Luiz Viadana fez applicação do systema á musica concertante, empregando o baixo continuo nos seus motetes a duas, tres e quatro vozes, publicados em 1603. Viadana deu esse systema como invenção sua, que realmente só o era em relação á musica concertante.

Desde então todos os compositores accrescentavam ás suas obras de musica vocal um baixo continuo, o qual em portuguez foi chamado «guião».

Tornando-se o baixo continuo cada vez mais movimentado, exigindo por consequencia maior complicação de algarismos e outros signaes, creou para o executante a necessidade de um estudo especial sobre o «acompanhamento».

Esse estudo consistia principalmente e consiste ainda, em aprender a executar no piano ou no orgão a harmonia representada pelo baixo cifrado. Aos intervallos formando accordes e aos algarismos que os representavam, chamaram os nossos musicos anti-

## GALERIA DOS NOSSOS

### Henrique Sauvinet



**N**o meio das grandes luctas da vida, quando a tempestade rugue ameaçadora e o luctador tem de reunir em giganteos esforços toda a sua energia para sahir salvo dos mais tremendos perigos, quando a desgraca procura tenazmente esmagar o mais intemerato animo des-

*carregando-lhe golpe sobre golpe, é então que a arte revela todo o seu poder como balsamo consolador e vivificador.*

*Conservar porém nas mais angustiosas crises o amor intimo da arte, ter animo para alimentar a chamma pura do fogo sagrado quando um fogo diabolico tudo procura destruir e devorar, constitue rara e admiravel prova de quanto esse amor é profundo, de quanto esse animo é forte.*

*Henrique Sauvinet não é só um violinista como poucos — concertista primoroso, quartettista intelligente, primeiro violino na orchestra tão seguro e bom leitor como qualquer dos melhores artistas; o seu acrisolado amor pela arte é ainda superior a esses meritos, a sua dedicação está acima de todos os elogios.*

*Haja vista o que elle tem feito pela Real Academia; a lista dos seus serviços não caberia n'este papel nem seria facil enumeral-os, tão grandes e mal conhecidos elles são.*

*De tudo porém o que mais admira, é como este grande espirito tem tido animo e vontade para assim se occupar da arte, elle que tem precisado de toda a sua actividade para luctar em campo bem differente.*

Fux.

gos «especies»; um baixo cifrado era um «baixo de especies», acompanhar por elle era «acompanhar por especies».

Mas ainda medeiou muito tempo desde a apparição do baixo continuo com os accordes representados por algarismos até esses accordes receberem uma classificação definitiva e serem objecto de novo corpo doutrinario.

Foi o compositor francez João Philippe Rameau quem primeiro desaggregou do contraponto o estudo particular da harmonia, publicando em 1722 um *Traité de l'Harmonie réduit à ses principes naturels*. Baseou elle a sua theoria dos accordes sobre o phenomeno acustico dos sons harmonicos procurando n'esses sons a origem de todos os accordes.

Dando á nota que se tomasse por base para a formação de um accorde o nome de «baixo fundamental», estabeleceu a sobreposição de terceiras e a sua inversão lançando assim os fundamentos da moderna sciencia harmonica.

O baixo fundamental de Rameau foi applaudido pelos espiritos mais esclarecidos da época, que exigiam uma razão scientifica da combinação simultanea dos sons e julgaram que Rameau a tinha dado completa. Mas o desenvolvimento d'essa theoria não satisfazia certas condições indispensaveis no ensino: a sua dependencia dos phenomenos acusticos era antes um embaraço para a comprehensão de todos os artificios já n'aquelle tempo empregados praticamente pelos compositores do que uma exacta e clara explicação da causa que os legitimava.

Reconhecido o defeito, foi aquelle systema abandonado nas suas linhas geraes. Cattel, alguns annos mais tarde, ainda apresentou no principio do seu tão vulgarisado tratado a theoria dos sons harmonicos como origem de todos os accordes, mas sem insistir no assumpto. D'ahi por diante nenhum outro auctor didactico se occupou de tal.

Mas os principios praticos que Rameau estabeleceu, ficaram subsistindo: 1.º um accorde forma-se com a sobreposição de sons que façam entre si intervallos de terceira; 2.º a nota que serve de base a essa formação é a «nota fundamental», e uma serie de notas fundamentaes constitue um «baixo fundamental»; 3.º a ordem dos intervallos pode-se inverter sem que o accorde mude de natureza.

Taes são ainda hoje os principios admitidos na theoria geral dos accordes.

\*

Estabelecida a successão dos accordes, restava explicar a causa da sua boa ou má

successão, para a qual apenas havia regras empiricas.

Coube a Fétis, senão a prioridade da descoberta, pelo menos a gloria de a ter propagado e feito reconhecer como principio theorico, universalmente depois adoptado.

E' o principio das «notas attractivas», lucidamente explicado na obra do grande musico belga intitulada *Traité complet de la Théorie et de la pratica de l'Harmonie*, cuja primeira edição appareceu em 1844.

Em boa verdade não foi Fétis quem primeiro reconheceu a tendencia que o quarto e setimo graus da escala diatonica teem para resolver sobre os meios tons que lhes estão contiguos; nem foi elle quem descobriu ser em virtude d'essa tendencia que o accorde de setima dominante deve resolver naturalmente sobre o accorde perfeito da tonica, fazendo cadencia perfeita. Este principio tinha já sido explicado pelo abbade hespanhol D. Antonio Eximeno na obra escripta em italiano com o titulo *Dell' origine della Musica*, publicada em 1774 e traduzida no idioma castelhana em 1796.

Mas Fétis com a sua grande auctoridade e meios de propaganda, deu-lhe curso, demonstrando racionalmente a causa d'essa attracção, que é uma condiçãp essencial para a existencia e reconhecimento da tonalidade.

\*

A formação e successão dos accordes segundo os principios admittidos, constituem bases naturaes e por consequencia immutaveis emquanto existir o actual systema tonal; mas para que o conjuncto da harmonia tenha variedade, é necessario recorrer a certos artificios que momentaneamente destruam a monotonia da uniformidade. E' d'esses artificios que sahem todos os recursos para a evolução na arte, os quaes muitas vezes apparecem e se propagam sem se saber quem os inventou, e muitas vezes tambem o inventor emprega-os por feliz acaso sem procurar a sua explicação theorica.

O artificio mais frequentemente empregado e que mais estimaram os antigos contrapontistas, era o das prolongações: uma nota consonante prolonga-se emquanto aquella que lhe é consonancia se move, produzindo dissonancia. A esta dissonancia chamavam os nossos musicos antigos «especie falsa», e a sua resolução obrigatoria sobre uma consonancia constituia a «desculpa» ou «abono».

Os harmonistas modernos não se contentam com tão velho e gasto recurso, lançando mão de outros mais novos e complexos. O dos accordes alterados é, por exemplo, um dos preferidos: qualquer nota

de um accorde apresenta-se meio tom mais alto ou mais baixo do que a altura que lhe compete na escala diatonica a que o accorde pertence. Para este artificio ser praticavel deve ainda obedecer á regra das notas attractivas. isto é se a nota alterada subiu, deve caminhar no mesmo sentido resolvendo sobre a nota que lhe está meio tom immediatamente superior, e se desceu vice-versa.

Estas, como todas as outras regras sobre a successão da harmonia e das suas notas artificiaes, teem por fim conservar a unidade tonal; mas se está na mente do compositor sahir d'essa unidade e fazer com que o ouvido perca a impressão de uma determinada tonalidade, então desvia-se das regras estabelecidas, praticando excepções já experimentadas ou creando outras novas.

Esta ultima orientação é a causa do chromaticismo moderno, cuja incerteza tonal se torna por vezes tão obscura para os ouvidos habituados e inclinados á simplicidade diatonica.

Mas se a simplicidade merece por alguns ser menosprezada, tratando-a de «banalidade», o excesso contrario tambem não merece menor desprezo quando cahe na «extravagancia».

Conservar a unidade na variedade é a eterna lei da arte.

ERNESTO VIEIRA.

## NOTAS VAGAS

Cartas a uma Senhora

De Lisboa.

XVI

Ha mil e um assumptos todos elles igualmente interessantes que eu poderia escolher para estas desprezenciosas epistolas; mas que quer? para uns falta-me auctoridade, para outros mingua-me o saber, para certos não me sobra a paciencia.

Acha estranha a confissão? Póde ser; no entanto ella é sincera, porque cada vez eu acho mais verdadeiro aquelle conceito de Shakspeare que resa assim:

«Prouvera a Deus que fossemos todos como alguns imaginamos ser: — isentos de vicios, ou, tendo-os, isentos de hypocrisia.»

Ora eu quero ao menos não ser hypocrita e se esta é a formula da civilisação moderna como pessimistamente pretende Fauerbach nem *civilizado* desejo que me chamem.

Tudo isto a proposito, boa amiga, do que lhe venho relatar.

Imagine que um velho companheiro do meu noviciado litterario, espirito aberto ás sagradas influções do Bello e vivamente impregnado de ideal, lembrou-se em meio da vida professional que leva de se fazer vereador como se diz á moderna, camarista, como se diz á antiga, e não contente com isso fez mais e melhor: — desatou a ter idéas, e sobre tudo idéas estheticas, emprehendendo até — oh cumulo das temeridades — dotar o municipio olysiponense com o que elle chamou — a festa da cidade.

E' já incalculavel e assombroso o que este meu antigo camarada ha despendido em energia e em actividade, em actos e em palavras, e póde muito bem succeder que triumpho da passividade obtusa de tantos e da apathia amorpha de varios, mercê da tenacidade rija do seu animo; sómente que o meu dilecto amigo de outros tempos me perdoe se de algum modo duvido do completo exito da sua, aliás tão civilisadora e tão patriotica iniciativa de hoje; quer-me porém parecer que alguma cousa haveria a fazer primeiro, e esse alguma cousa vem precisamente a ser aquillo sobre que tantas vezes nós outros palestrámos horas, quando V. Ex.<sup>a</sup>, minha querida amiga ausente, enchia com as claridades do seu espirito e com a penetração da sua intelligencia, estes inestheticos dias de Lisboa...

Lembra-se? Já então a sua doce e delicada ironia mordiscava mansamente a minha intensa e absorvente paixão por esta cidade de marmore e de granito, onde conforme V. Ex.<sup>a</sup> insinuava nem o marmore nem o granito abundavam, e já então eu procurava, embora vagamente e sem sequer entrever outra cousa mais do que indecisos e esbatidos contornos, a suspirada capital dos meus sonhos...

E punha-me a pensar: se esta linda Lisboa amada podesse um dia ser tão alegre como Madrid, tão interessante como Paris, tão suggestiva como Roma?!

Se meia duzia de homens de muito coração, de vasto e delicado saber, de real e funda influencia tomassem conta dos seus destinos, e principiassem por fazel-a acçada mandando arranjar-lhe as ruas, limpar-lhe os predios, beneficiar-lhe os canos, cuidar-lhe as arvores, educar-lhe a gente, e se estudando e estabelecendo um racional e artistico plano de melhoramentos, proporcional e gradualmente a fossem embellezando?

Se prohibissem por uma postura ou por um decreto, a construcção nas suas principaes arterias e avenidas de edificações que não obedecessem a um determinado estylo, que não tivessem ao menos um bocadinho

de architectura; se estabelecessem premios para o mais lindo, para o mais elegante, para o mais hygienico modelo de habitação, que sem deixar de ser simples fosse bella; se procurassem crear um museu municipal, diverso e distincto do chamado museu nacional; se fomentassem e promovessem a execução de grandes concertos, de alegres festivaes, de concursos e certamens varios; n'uma palavra, se evitassem por todos os meios, pela discussão, pela catechese, pelo comicio ate, e pelas reclamações aos varios poderes estabelecidos, desacatos como esse que se praticou com aquella encantadora e formosissima torre de Belem, infamada pela visinhança de um ignobil e immundo gasometro que a macula, que a deshonra, — e que a derrue, como esse outro que dia a dia a dia não faz senão avolumar e é o que se refere aos Jeronymos?

E prosegua desfiando o rosario dos meus desejos, até que a minha boa amiga, que tanto tinha visto já, e tão bem sabe *ver* esfriava com breves, brevissimas palavras todos os meus enthusiasmos...

Em geral dizia-me apenas — Tudo isso poderia talvez conseguir-se mas seria mister ou a existencia de uma alta sociedade abastada e culta tendo o amor do seu burgo natal e exercendo n'elle a sua acção educativa e forte, ou a de uma população media illustrada e se não rica, pelo menos unida, mas sem prevenções egoistas, e conseguindo pela cohesão e pela solidariedade o que porventura não podesse obter pelo esforço individual.

E recordo com vergonha que a sua previsão feminina diagnosticava, ha já alguns annos, o mal de que hoje todos vimos soffrendo — a falta de um ideal qualquer, e a triste desorientação politica e social de todas as camadas, que n'outras cousas não pensam senão em mesquinhos e vulgares interesses de occasião ..

\*

Isto me faz reçar pelo resultado da festa da cidade, pois que primeiro que tudo conviria saber se a cidade existe, a não ser para o fim egoistico do seu viver de dia a dia, e se tendo a comprehensão dos laços altruisticos que uns aos outros nos devem ligar, sente a necessidade de se elevar pelo amor da belleza até ao sacrificio, até á abnegação...

Existindo a cidade como um ser moral e pensante, e não como um mero agglomerado de casaes e de individuos, ainda se tornaria necessario antes de mais, pô-la decente e limpa, expurgal-a do ar de abandono que se lhe nota, acabar-lhe as suas multiphas obras começadas e interrompidas, e

tornar para todos attrahente e sadia a vida que aqui vamos arrastando, desgostosos e fastientos, melancholicos e aborrecidos ..

Em todo o caso, pois que um novo *carola* surgiu e pretendo communicar aos outros o fogo sagrado de que elle proprio está nobremente possuido, não quiz deixar de presurosamente lh'o communicar, minha senhora, para que n'esses logares por onde anda, um minuto dedique á terra cheia de sol e de encanto onde tão doce será viver, quando todos nós nos resolvermos a amal-a e a servil-a com o mesmo amor sincero e ardente que alguns isoladamente lhe consagram. .

AFFONSO VARGAS.



### Do Paiz

O infatigavel Moreira de Sá vae abrir no proximo mez de Outubro um estabelecimento de musicas e instrumentos, no mesmo local onde esteve a casa portuense de Castanheira & C.<sup>a</sup>, que tambem se dedicavam á mesma especialidade.

Moreira de Sá pelo seu levantado caracter e grande seriedade merece todas as protecções e estamos convencidos que ha-de tel-as em larga escala no novo campo de actividade, que se propõe corajosamente a explorar.

Fazemos os melhores votos pelas prosperidades do novo collega.

\*

Teve uma execução sobremodo correcta a Missa funebre de Perosi que, sob a direcção do maestro Alberto Sarti se realisou em 9 d'este mez, na Igreja do Loreto, para suffragio da alma do desditoso Rei Umberto de Saboya.

Os alumnos das officinas de S. José tambem desempenharam com escrupulo e boa afinacão os numeros que lhe couberam no decorrer dos officios funebres

Quanto á musica de Perosi a impressão que nos produziu é pouco mais ou menos a mesma que sentimos por occasião da inauguração da Sociedade de Canto, com a Resurreição de Lazaro. Musica admiravelmente trabalhada, por vezes profundamente sentida, mas sem homogeneidade no desenvolvimento nem igualdade na inspiração. E' assim que muitas vezes, a par de um trecho de indole palestriniana a mais pura, vem motivos melodicos mais adequados á sensualidade da musica theatral, que á elevação e seriedade que naturalmente se exigem no genero sacro.

\*  
Da Associação Musical de concertos populares, no Porto, recebemos e agradecemos um folheto contendo os programmas e apreciações feitas pela imprensa da primeira serie de cinco concertos realizados em junho passado no theatro Aguia d'Ouro, sob a direcção de Moreira de Sá.

Fazemos votos pela continuação d'este louvavel emprehendimento.

\*  
Esripturado por uma grande empreza lyrica, partiu para a Dinamarca o nosso amigo e illustre baritono portuguez D. Francisco de Sousa Coutinho, que além das operas do seu repertorio cantará em diversos concertos, que a referida empreza tenciona organizar nas principaes cidades d'aquelle paiz.

Deve accompanhal o durante a sua excursão o notavel professor e nosso amigo Manoel Benjamim que seguirá para aquelle paiz no primeiro paquete.

\*  
O nosso grande pianista, Vianna da Motta associado ao celebre mestre italiano Ferruccio Busoni, deram em Weimar, no dia 31 de julho, um grande concerto consagrado ás obras de Liszt. O programma foi o seguinte:

I. — Uma symphonia sobre o Fausto de Goethe, dividida em tres partes: 1.<sup>a</sup> «Fausto» (Allegro); 2.<sup>a</sup> «Gretchen» (Andante); 3.<sup>a</sup> «Mephistopheles» (Scherzo e final). Transcrita para dois pianos pelo auctor e executada pelos dois eminentes pianistas Motta e Busoni.

II. — Variações sobre um thema de J. S. Bach (Crucifixus da missa em si menor), para piano, executadas por Busoni.

III. — Phantasia e Fuga sobre o coral *Ad nos salutarem undam*, escripta para órgão e transcripta para piano por Busoni; executada por Vianna da Motta.

IV. — Symphonia n.º 9 de Beethoven, transcripta para dois pianos por Liszt; executada por Motta e Busoni.

Teve um grande exito este concerto, concorrido por muitas pessoas da cõrte de Weimar e pelos mais eminentes musicos d'aquella cidade, onde se conserva grande respeito pela memoria de Liszt que ali teve a sua residencia habitual.

Alguns dos professores que assistiram ao concerto de Motta-Busoni conheceram pessoalmente o genial pianista-compositor; entre elles o velho e respeitavel organista da cõrte, Alexandre Gottschalg, que foi seu amigo intimo, dirigiu os maiores elogios a Vianna da Motta pela interpretação exacta que deu ao estylo de Liszt, affirmando-lhe com a maior convicção que este mesmo não teria executado d'outra maneira.

\*  
Na Real Academia de Amadores de Musica, houve os seguintes Exames de piano:

Em 30 de julho. — 1.<sup>o</sup> anno. Plenamente: D. Maria Luiza de Siqueira Coutinho. Com distincção: D. Judith Leiria, D. Flavia Aline de Figueiredo.

3.<sup>o</sup> anno. Plenamente: D. Manuela Rodrigues Moreira. Com distincção: D. Adelina Amelia Duro Xavier; D. Aline Neuville, D. Ermelinda do Narcimento. Com louvor: D. Maria Mathilde Carvalho de Miranda.

Em 31. — 2.<sup>o</sup> anno. Plenamente: D. Camilla de Jesus Fernandes Casaes de la Rosa. Com distincção: D. Bertha Emilia Mattos Pinto; Hermano d'Oliveira Ferreira. Com louvor: D. Alice Guilhermina Freire da Veiga.

4.<sup>o</sup> anno. Com distincção: D. Adelaide da Conceição Santos; D. Alice de Carvalho; com louvor: D. Sophia Ricardina Cró Ardisson Lobato.

#### Do Estrangeiro

Com um banquete a que assistiram trezentos e quarenta convivas, presidido pelo ministro da instrucção publica, celebrou-se na «Moulin de la Gallette» em Paris a 50.<sup>a</sup> representação da «Louise» de Gustave Charpentier.

Compunham-se os convivas do banquete de todo o pessoal da Opera comica, administração, actores, orchestra, corpo de baile, além de homens politicos, jornalistas, pintores, litteratos, delegadas das costureiras parisienses, etc., etc. Uma orchestra concorreu para tornar o banquete mais animado, tocando até aos *toasts*.

Por essa occasião o ministro, ao saudar Charpentier, disse que levantava a sua taça á 100.<sup>a</sup> representação da «Louise».

Findo o banquete dançou-se até ás seis horas da manhã, pôde imaginar se com que louca alegria sabendo se que tomaram parte no baile costureiras, bailarinas, coristas e atrizes.

\*  
Os concertos classicos em S. Sebastião tem tido este anno maior exito que de costume; temos á vista jornaes tecendo os maiores elogios a Goñi e á sua orchestra, que no ultimo concerto realizado executou a segunda «Suite» de Grieg, um trecho do «Parsifal», a «Mocidade de Hercules» de Saint-Saëns e a romança em fá, de Beethoven, executada em *unisono* por todos os violinos.

\*  
Acaba de fundar-se em Hespanha uma grande associação geral de coristas de ambos os sexos, com o fim de salvaguardar os

seus interesses contra as exigencias injustas dos empresarios.

A sua constituição tem a data de 18 de julho de 1900, sendo o seu domicilio social em Madrid.

\*

O nosso collega de Madrid — *El Mundo Artístico Musical* — n'um desenvolvido artigo em que lamenta a má situação dos artistas musicos n'aquella cidade durante a temporada actual, dá a esse respeito curiosas informações: no theatro Eldorado, onde funciona uma companhia de zarzuela, ha musico na orchestra que recebe seis ou sete reales por noite; no circo Colon os ordenados são de 1,90 pesetas para cima, e no circo Parish regulam por duas pesetas, mas n'este ultimo teem que trabalhar de graça nos espectaculos diurnos. Nos *Jardines del Buen Retiro*, onde se cantam operas, sendo uma das ultimas nada menos que o Lohengrin, os ordenados são de dez reales em cada noite, com obrigações de ensaios todos os dias.

Ultimamente o circo Colon, que tinha 18 professores na orchestra, reduziu esse numero a metade.

O jornal madrileno attribue esta mesquinha situação dos pobres musicos á falta de união associativa que lhes dê força para não se deixarem explorar pelos empresarios gananciosos.

Vejam os nosso artistas como ardem as barbas dos visinhos.

\*

O primeiro premio para o concurso de bandas musicas que deve fazer parte das festas organisadas no «Crystal Palace» de Londres, por occasião da Exposição musical que ali se realisa, consistirá n'uma taça com o valor de mil libras. Esta taça, ornada de baixos relevos, esmaltes, filigranas e pedras preciosas, terá, em nichos finamente esmaltados, os retratos de Guido d'Arezzo, Haendel, Palestrina e Mozart. O seu desenho foi traçado pelo architecto J. S. Licholl, vencedor n'um concurso aberto para esse fim, no qual tomaram parte dezoito concorrentes.

\*

A bibliotheca municipal de Leipzig comprou por 3:000 marcos o autographo de uma cantata de Sebastião Bach. M.<sup>lle</sup> Harthans, que era a possuidora do precioso manuscrito, enviou immediatamente a somma recebida ao conselho municipal da mesma cidade, encarregando-o de distribuir todos os annos o respectivo rendimento a um estudante da escola de S. Thomaz por occasião de ser admittido.

\*

Os concertos no *Vieux Paris* dirigidos por Colonne, que terminaram ultimamente como n'outro lugar noticiamos, atingiram ainda assim o respeitavel numero de 180. N'este numero contam-se 52 concertos consagrados á musica franceza, 54 á musica estrangeira, 54 aos programmas de musica de diversos paizes, havendo alem d'isso algumas sessões de musica popular. Dos concertos de musica franceza, 28 foram exclusivamente consagrados ás obras de Berlioz, Bizet, Lalo, Massenet, Saint-Saens, Widor, Pierné e d'Indy; entre os da musica estrangeira houve 29 reservados ás obras de Beethoven, Mendélssohn, Mozart e Wagner.

\*

Suppõe um jornal italiano poder afirmar que vae ser encommendado a Verdi uma missa de Requiem, destinada a celebrar a memoria do Rei Humberto.

No caso de recusa do illustre mestre, será convidado para esse effeito o compositor Mascagni, que, como se sabe, foi chamado a Roma para organizar a parte musical dos officios funebres.

## NOTAS SOLTAS

A fuga é talvez o producto mais perfeito da musica pura.

W. Cart.

\*

O verdadeiro progresso da Arte é o complemento e o fiel reflexo da prosperidade e do bem estar de um povo.

V. Zubiaurre.

\*

A musica depende menos da inspiração do genio, do que do desejo de produzir o melhor possivel.

Beethoven.

\*

Simplicidade, verdade e naturalidade, são os grandes principios do bello em todas as obras de arte.

Gluck.

\*

Todo o trabalho que não dura é inutil.

Vincent d'Indy.